

# **A morte literária de uma puta**

**Autora: Renata Soltanovitch**

# A morte literária de uma puta

Este conto foi escrito no ano de 2015 e decidi republicá-lo em meu site neste ano de 2026. Por se tratar apenas de uma obra de entretenimento, sem fins financeiros, optei por ceder os direitos autorais desta versão à ONG **Casa Ninho CACC**, localizada na Rua Almeida Torres, 264, Cambuci – CEP 01530-010.

Isso significa que, se este texto lhe proporcionar diversão, convido você a visitar o site oficial da Casa Ninho ([www.casaninho.org.br](http://www.casaninho.org.br)) e oferecer algum tipo de contribuição para apoiar o trabalho deles.

**Boa leitura!**

## A morte literária de uma puta

### Prefácio.

Uma prostituta morta após enviar pelo correio, aos seus amigos de terapia, trechos inconfessáveis de sua vida profissional.

Amigos e clientes da prostituta, além de diversas autoridades que frequentavam o puteiro, todos passaram a ser suspeitos.

Um conto curto, sem pé nem cabeça, com o objetivo único de distrair o leitor.

Espero que a leitura seja aproveitável.

“A resposta da vida pode estar em pequenos detalhes”, escreveu Iana, a prostituta morta, aos seus amigos e colegas da terapia.

## **A morte literária de uma puta**

PARTE I –

PARTE II –

PARTE III –

PARTE IV –

PARTE V –

PARTE VI –

PARTE VII –

PARTE VIII –

PARTE IX –

PARTE X –

PARTE XI –

PARTE XII –

PARTE XIII –

PARTE XIV –

PARTE XV –

PARTE XVI –

PARTE XVII –

PARTE XVIII –

PARTE XIX –

PARTE XX –

PARTE XXI –

PARTE XXII –

PARTE XXIII –

PARTE XXIV –

PARTE XXV –

## **A morte literária de uma puta**

### **PARTE I – O INÍCIO**

O inverno rigoroso pode trazer sérios problemas para a alma, principalmente quando a cidade é cinzenta nos doze meses do ano.

Além do frio propriamente dito, a ausência de aquecimento do corpo, trás irritações, dores e sentimentos de maus tratos.

E foi assim que Iana se sentiu. Uma velha prostituta de quase setenta anos, sem objetivo na vida, esperando a morte chegar.

É porque nesta idade, já não mais pode se esperar muita coisa, pensava. O corpo e a mente já não mais respondem as vontades internas. Aliás, as vontades já quase nem existem.

E foi por causa desta depressão, em seu loft pintado de cores vermelhas para lembrar os velhos tempos, que Iana quase nem saía de casa, até que seu vizinho, Yuri, um jovem e nerd rapaz de vinte e poucos anos, a aconselhou, por conta de uma conversa de terceiros que ouvira no metrô, para que ela fizesse uma terapia em grupo oferecida pela Prefeitura local, sobre as ausências da alma ou inexistência dela.

Mesmo desconfiada e já sem ter mais nada a perder ou ganhar na vida, lá foi Iana, arrumada, pintada e perfumada, como sempre fazia toda vez que resolvia botar os pés para fora de seu aconchegante lar.

Olhando para ela, não se imaginava sua profissão passada, onde vivia nas ruas gloriosas, entre sofisticados pubs e casas noturnas, de uma época em que só havia homens cavalheiros. A maioria sempre trajado de chapéu, bengala e casaco, tipo sobretudo, de cores clássicas.

Eram estes homens que contratavam jovens prostitutas para convencer figurões de seus desejos mais sórdidos.

Desejos estes ligados ao poder, dinheiro, corrupção e a podridão. E qualquer semelhança ao mundo real, é mera coincidência.

Embora tenha vivido nas noitadas, regadas a espumantes, champagne, vinhos caros, fumaça de charutos dos figurões e muito sexo, Iana era ainda uma mulher muito elegante.

Apesar dos seus quase setenta anos e pelo fato de nunca ter se casado, e a única filha que teve sido dada para adoção para um jovem casal de estrangeiros que, certamente, cuidou bem dela, Iana era alta, magra e não deixava de pintar sua cabeleira com uma clássica cor de louro dourado, o que fazia com sua pele clara demonstrasse ter menos idade.

E lá estava ela, elegantemente vestida para iniciar a tal terapia em grupo indicada pelo seu vizinho Yuri.

O que Yuri deixou de contar para Iana, é que a terapia era especialmente objetivada a suicidas, o que não era o caso dela. De qualquer forma era de graça, o que, diante da situação financeira de Iana, já era um grande avanço.

Como não tinha mesmo nada o que fazer, lá foi ela para a tal terapia, objetivando experimentar algo novo na vida.

No mais, a sessão iria durar somente uma hora e meia por semana. O que seria tolerável para Iana.

Iana não entendia o motivo de se fazer terapia em grupo e o que faria lá. Mas já que não tinha o que fazer mesmo, era uma grande oportunidade de ocupar seu tempo e parar de ficar sentada no sofá, vendo televisão o dia inteiro.

Sair do isolamento era o que queria Iana, o que já era um bom começo.

Teve uma vida agitada na juventude e nos seus sessenta anos ainda se sentia útil, dando aulas de pompoarismo às meninas com início de carreiras ou mulheres que queriam apimentar seu casamento, sua relação sexual ou até mesmo seduzir seus amantes.

Quando a tal idade chegou, embora continuasse uma mulher elegante, iniciou um processo de tédio, com preguiça, sem vontade de sair de casa, ver gente na rua, fazer atividade física. Portanto, a terapia em grupo era um grande avanço para sair da rotina entre o sofá, a geladeira e, principalmente, a televisão.

## **PARTE II – O CINEMA PORNÔ**

Iana conferiu o endereço dado por seu vizinho Yuri uma dezena de vezes. Olhou em volta. Deu voltas no quarteirão. Mas o jovem nerd rapaz não erraria. O endereço parecia ser aquele mesmo.

Ao chegar à porta daquele velho salão de cinema pornô, na sua quase desistência, primeiro por acreditar que ali não era o local da terapia e logo em seguida, em uma fração de segundos, ter seus pensamentos remetidos aos velhos tempos do que era àquele lugar.

Aquele endereço ela conhecida muito bem, pois durante anos, nas sessões de cinema, orgias ali aconteciam. Homens elegantes em roupas chiques. Mulheres nuas a espera de sexo fácil, mas bem pago. Tudo muito explícito. Para àqueles que queriam participar ou somente assistir. O preço era o mesmo. Mas alto. Não era qualquer um que ali frequentava.

Tapetes vermelhos, sofás aconchegantes, vinhos e espumantes de qualidade impar, eram oferecidos para aqueles dispostos a gastar fortunas até mesmo para apreciar o sexo que acontecia no local. Ambiente sofisticado. Conhecido como cinema para afortunados, todos sabiam o que ali se passava.

Nada de polícia ou escutas telefônicas. Figurões eram ali vistos com frequência, inclusive apenas para fazer outros negócios, que não necessariamente envolveriam sexo, mas certamente fuderiam alguém.

Sabiam que no local não existiam câmaras, escutas ou fofoqueiros, apenas homens de negócio. Sua administração era com punhos de ferro, onde eram feitas diariamente varreduras para justamente evitar qualquer espécie de constrangimento aos seus frequentadores.

Nada, absolutamente nada poderia vazar.

Mas seus pensamentos foram imediatamente interrompidos por uma jovem que logo a levou para o interior do salão, já esclarecendo, mesmo sem ser perguntada, que realmente era ali que a Prefeitura havia concedido o lugar para a terapia em grupo.

Iana, que sempre foi bem humorada, logo ressaltou:

- Nossa, como frequentei este lugar !!!.

Embora fosse a mais pura verdade, todos que se encontravam no recinto para iniciar a terapia, caíram na gargalhada, pois jamais uma senhora tão distinta e elegante frequentaria salões de cinema pornô. Concluíram todos.

Com sua risada complementar, Iana adquiriu, naquele momento, a simpatia de todos os dez pacientes presentes, inclusive a psicóloga Dany e de sua assistente mirim.

### **PARTE III – OS FUTUROS AMIGOS da TERAPIA**

A terapia se iniciou com a apresentação de cada paciente, inclusive a idade. Na mesma faixa etária de Iana, havia o Dr. Jean, um detetive de polícia já aposentado, mas que jamais perdeu o faro de investigar.

Também se apresentou o Dr. Milk, um velho juiz de direito, também aposentado há muitos anos, o que lhe causou uma profunda depressão e duas tentativas de suicídio fracassadas.

Por fim, o Dr. Yanki. Um velho xerife de polícia, cargo semelhante ao de delegado, que recentemente aposentado por ordem do governador, passou a se sentir imprestável, caindo também em depressão.

Os demais eram jovens ou de meia-idade. Alguns desempregados e todos desiludidos.

Mas para o leitor se situar neste conto, vale a pena já antecipar sua apresentação e contar um pouco da personalidade dos personagens.

Yuri, vizinho da prostituta Iana, apenas aparece como apresentador da terapia em grupo.

Embora não mais apareça no conto, seu papel foi principal para interligar todos os personagens. Sem ele, não haveria este conto e nenhum personagem se conheceria e não haveria a descoberta da morte de Iana, a velha prostituta.

Dany é a psicóloga do grupo. Contratada pela Prefeitura local iniciaria um trabalho com onze pacientes, incluindo Iana. Com ela, ainda trabalharia Edy, um teólogo e professor de yoga e jogador de capoeira, que ajuda o grupo com uma forma alternativa de autoconhecimento. Havia também a assistente mirim de Dany, que apenas observa, mas sua participação é meramente figurativa.

Então aparecem os demais pacientes além daqueles citados acima, que são figuras importantes, já que fazem parte de uma história.

A paciente Deby é uma jovem com bela voz. Seu sonho é ser cantora. Mas não sabe por onde começar. Fica deprimida, tenta o suicídio e é obrigada a frequentar o grupo de terapia capitaneada por Dany.

Renan é um jovem que se diz paranormal. Internado já em hospitais psiquiátricos por entenderem que ele é louco, tentou suicídio algumas vezes. Diz ver e ouvir mortos.

Mary Farda, com alto grau de depressão, também já tentou se matar. Seu sonho de consumo é ser policial. Fez vários concursos e não consegue passar da primeira fase.

Elias, o criminalista do passado, dispensa comentários. Não é um homem nem bom, nem ruim. Apenas perturbado.

Nipo, antigo mordomo do castelo mal assombrado. Depois que foi desvendado o “Crime do Castelo”, ficou desempregado e tentou o suicídio algumas vezes, sem sucesso.

Joseph, um faxineiro judeu com mania de limpeza. Depois que soube da história do holocausto contada por seus avós, tentou o suicídio uma única vez, pois quis se solidarizar com os judeus mortos. Por sorte, fracassou na hora da morte.

Lui, um jovem químico metido a professor pardal. Muito inteligente, mas perturbado. Tentou o suicídio com algumas misturas que fez, mas não surtiu efeito. Foi encaminhado para a terapia.

E assim, em um velho cinema pornô localizado em um bairro boêmio no passado de uma cidade fria nos 365 dias do ano, que os personagens se encontram e acabam por vivenciar um mistério, que é a morte da velha prostituta Iana.

#### **PARTE IV – O INÍCIO DA TERAPIA EM GRUPO**

A desilusão causa depressão. A falta de amor próprio ou de um projeto na vida causa depressão. E era isso que a psicóloga Dany queria combater.

Pessoas tão diferentes, com idades e histórias incomuns. O trabalho seria árduo, mas Dany estava disposta a prosseguir.

As sessões de terapia foram se seguindo e Dany não observou nenhuma melhora imediata com seus pacientes e sua maior preocupação

era que alguns deles cometessem suicídio, já que dos onze pacientes, dez já haviam pensado nisto e, de fato, nove tinham histórico de tentativa.

Todos porque se sentiam inúteis profissionalmente e sofrendo de depressão externa por não ter o que fazer na vida.

Preocupada e depois de ler muito sobre o assunto, decidiu inicialmente propor para o grupo que fizesse um conto que descrevesse algumas coisas que havia acontecido com eles, de muito engraçado.

Nas cinco sessões seguintes, a terapia do riso funcionou, pois não havia nenhum que não tenha chorado de tanto rir.

De uma forma bem singular, Iana contou que, um dia, após uma noite de sexo violento, após ser contratada para passar alguns dias com um figurão, precisou lavar suas calcinhas, já que o contrato se estendeu por mais uma semana.

Após utilizar o varal da casa do figurão para secar suas calcinhas, estas decidiram, sei lá por qual motivo, escorregar do varal bem na hora que ele – o tal figurão passava – resultado, três calcinhas, ainda molhadas, caíram na cabeça do tal sujeito.

Fora o susto, o homem teve um ataque de nervos e quase rescindiu o contrato com Iana, que recebia um bom dinheiro por se deitar com aquele sujeito e ainda conseguir informações privilegiadas do funcionamento sórdido de sua empresa de transportes de material roubado.

Informações estas que seriam vendidas para outro cliente, que se utilizava de seus serviços, chefe de uma Seguradora de Cargas, especializada em sinistro de transportes.

Iana não poderia perder o contrato, pois ganhava das duas pontas. Do tal figuração, pelo sexo sujo e violento e do chefe de Segurança de Cargas, para levar as informações que conseguia arrancar do sujeito.

Tirando a parte sórdida, tudo foi muito engraçado e a psicóloga percebeu então que escrever histórias e contá-las era um grande avanço para que se trabalhasse com o medo e a decepção interior.

Incluindo tudo em um papel e decifrando ideias e pensamentos, era uma forma de mantê-los longe do suicídio.

E foi então que Dany deu mais uma etapa de sua terapia, solicitando a cada um dos pacientes que fizesse duas coisas.

Primeiro, a ideia de escreverem um diário, com a descrição do dia-a-dia para contar aos demais. O segundo, denominado como manual de sobrevivência, onde cada um escrevesse a sua própria história em outro caderno, que também seria objeto de explanação aos demais.

Porém, sentiu que isto não era o suficiente e precisava de mais, pois percebeu que quase a metade do seu grupo possuía uma “entidade espiritual” – leia-se esquizofrenia - que não deixava com que desenvolvesse muitos trabalhos sozinhos, sem contar que todos tinham alguma espécie de TOC, em maior ou menor grau de desenvolvimento.

Esta tal “entidade espiritual” não tinha nenhuma relação com o maligno ou benigno, mas foi o termo utilizado por três pacientes com grau máximo de TOC, o que levava a depressão e conseqüentemente a tentativa de suicídio.

Mas foi esta terminologia utilizada que fez Dany ter a idéia de procurar seu amigo Edy, um professor de teleologia, com pós-graduação em religião e que era ainda professor de yoga e capoeira.

Ela certamente reuniria estas qualificações do amigo para uma nova fase da terapia. A corporal.

Edy era um belo rapaz de meia idade, batendo na casa dos cinqüenta anos. Forte, musculoso, alto e bonito. Seus olhos transmitiam simpatia e serenidade. Seu profissionalismo certamente ajudaria aquele grupo.

Foi então que Dany propôs o trabalho e ele aceitou imediatamente, já que tudo que envolvia yoga e capoeira lhe aproximava a paz de espírito e do conforto da alma. Dados que eram base de toda religião.

Porém, ele foi alertado não só sobre as características de seus alunos, como também da idade, o que dificultaria grande parte dos exercícios tanto da capoeira, também como da Yoga, até mesmo para alongar o corpo.

Na primeira aula, ele apresentou os instrumentos de yoga e capoeira para o grupo, ou seja, o sino tibetano, o incenso, como também o berimbau, o atabaque, o pandeiro e o agogô.

Fez com amigos uma pequena apresentação de alongamento, com saudação ao sol e posteriormente uma roda de capoeira, e explicou que iria comparecer uma vez por mês para ensinar o pessoal a tocar, a cantar aquelas letras de língua diferente e principalmente a gingar.

Gingar para as aulas de capoeira e gingar para a vida. Aproveitando o que ela tem de melhor, completou.

Embora Edy soubesse em seu íntimo que a aula uma vez por mês era muito pouco, a psicóloga era a Dany e ela sabia o que estava fazendo para melhorar àquele grupo, ainda que seus encontros fossem apenas mensais.

Aliás, já tinha tido bastante progresso, pois a maioria já havia diminuído o grau de ansiedade e a compulsão pelo suicídio.

As semanas foram passando e a solicitação de Dany para que todos os pacientes fossem contando sua história, além do diário, estava funcionando muito bem, pois a troca de experiência e o conhecer íntimo de cada um ajudava na melhora.

Nas aulas de capoeira, aconteciam situações engraçadas que faziam todos rirem e o trabalho que Edy desenvolvia com o grupo, ajudava a união entre eles.

Alguns exercícios desenvolvidos necessitavam sempre de ajuda de outros pacientes para se realizarem.

O próprio jogo de capoeira precisava de um grupo, já que nada como o feitiço da roda, com os instrumentos sendo tocados presencialmente, para envolverem sua alma por completo.

Dany estava muito satisfeita, pois tudo corria muito bem, sem incidentes, apesar do frio constante daquele lugar, o que a remeteu, por um instante, a saudade da velha Bahia, terra de Jorge Amado e cantada por Vinícius de Moraes, ao relatar as suas tardes na praia de Itapuã.

Apesar de tudo parecer perfeito, Dany lembrou também de seu ex-marido. Um homem violento que, por não cumprir as medidas

protetivas impostas pela justiça por força da Lei Maria da Penha, fez com que ela saísse da Bahia e fosse procurar abrigo nas terras geladas onde sua família morava.

Mas seu pensamento foi rápido. Logo voltou para onde estava. Vivendo o “agora”, o momento presente. Era isto que importava.

A sessão de terapia já havia iniciado e Dany sentiu falta da presença de Iana. Sempre a primeira a chegar, de forma alegre e bem elegante.

Suas histórias eram as primeiras a serem ouvidas. Alguns não acreditavam que ela tinha sido prostituta, apenas que inventava para entreter o grupo. Aliás, o que conseguia sem nenhuma dificuldade.

## **PARTE V – O SUMIÇO DE IANA – A VELHA PROSTITUTA**

Quando todos partiram, Dany – a psicóloga – e seus dois pacientes Jean e Yanki foram até o loft de Iana para ver o que tinha acontecido.

Ao chegaram lá, perceberam um silêncio estranho, sendo interrompido pelo miar de um gato que, de forma macabra, rangeu os dentes para eles, demonstrando ser o dono do lugar.

Yanki, o velho xerife, já o espantou com a bengala que sempre trazia consigo, demonstrando que ainda possuía certa autoridade.

Bateram na porta do loft de Iana por diversas vezes, já que a campainha parecia não funcionar.

Foi então que Jean, detetive aposentado, resolveu abrir a porta com a micha que sempre carregava no bolso.

- Quem foi rei, nunca perde a majestade! Sorriu logo após declamar a frase, como forma de justificar a tal ferramenta que possuía em mãos.

E foi então que encontraram Iana morta. Ao seu lado, um caderno parcialmente rasgado, com pingos de sangue.

O caderno estava todo escrito de próprio punho, ou seja, não digitado, contando toda a sua história de prostituta e dos negócios que a envolviam.

## **PARTE VI – A MORTE DA PUTA**

Dany, assustada e tremendo, saiu do loft a berrar, totalmente descontrolada, deixando de lado sua serenidade que tanto aprendera nos bancos acadêmicos da faculdade de psicologia.

Jean, o detetive, não teve dúvidas, tirou uma máquina fotográfica e começou a tirar foto de tudo e ainda relatar em um caderno todas as suas impressões, sem obviamente, tirar nada do lugar ou tocar em nada, evitando a contaminação do local do crime.

Por sua vez, Yanki, o xerife, ligou para sua velha equipe que ainda permanecia no Distrito até a ordem do governador para se aposentarem, e determinou que viessem para o local.

Realmente o xerife “determinou”, pois embora aposentado e depressivo, ainda era muito respeitado.

A equipe chegou junto com o IML para que, após as fotografias necessárias, fosse o corpo removido para a perícia.

Enquanto a equipe tirava fotos, o detetive Jean gabava-se de já ter tirado milhares delas.

Todos ficaram até o fim da perícia, incluindo a lacração do imóvel.

Ao saírem de lá, Dany, a psicóloga, mais calma, decidiu com Yanki e Jean, tomarem um café para colocar as ideias no lugar e comunicar aos demais o que havia acontecido, pois todos gostavam de Iana.

## **PARTE VII – QUEM SERÁ QUE MATOU A PUTA**

A primeira situação que chamou a atenção dos três, foi o tal caderno rasgado, como em fúria, com gotas de sangue e a casa remexida, como se alguém procurasse algo.

Dany se lembrou de que recebeu de Iana, há umas três semanas, uma cópia escrita à mão, de parte de sua história, do tal manual de sobrevivência. Porém, sem muito tempo de ler, acabou engavetando o material.

O fato é que Dany – a psicóloga – andava meio atrapalhada, pois se apaixonara por Edy – o tal professor de capoeira. Embora se tratasse de um amor platônico, pois ele não se envolvia onde trabalhava, ela ficou um pouco fora de sintonia, desconcentrada.

Sabia o quanto este amor platônico era perigoso e só se deu conta quando percebeu ter engavetado o material enviado por Iana, que poderia desvendar o mistério de sua morte, ou ter evitado.

Porém, o mais estranho estava por vir, ressaltando o mistério da morte de Iana, pois passado alguns dias, todos do grupo receberam parte do tal Manual que Iana estava escrevendo e que poderia ter causado sua morte.

### **PARTE VIII – O MANUAL DE SOBREVIVÊNCIA DE UMA PUTA**

Os pacientes de Dany foram recebendo o material, como se fossem peças de um quebra-cabeça, ou seja, sem muita conexão, no primeiro momento. Não havia um nexos nas histórias com o que estavam recebendo.

Foi o Juiz aposentado – Dr. Milk – que, lembrando-se de um caso passado que julgou, em que o criminoso psicopata indicava enigmas nos corpos de suas vítimas até que fosse descoberto.

Assim, o Dr. Milk apresentou a ideia de que Iana pudesse ter feito o mesmo, já que se assemelhava ao caso que ele havia atuado como Juiz.

Como as páginas enviadas a cada um dos pacientes de Dany não estavam numeradas, caberia a todos que as estavam recebendo, entregar para que um deles fizesse a coordenação da história e desvendar o mistério.

E nem precisava dizer que foi o Dr. Milk – o juiz aposentado – nomeado para esta missão de coordenar o livro de Iana para depois entregá-lo ao detetive Jean e ao xerife Yanki.

## **PARTE IX – A INVESTIGAÇÃO**

Neste meio tempo, um dos pacientes de Dany, com grau máximo de TOC, e a vontade de suicida, mas com uma inteligência impar e um raciocínio acima da média, de nome Renan, dizendo conversar com mortos, avisou que conversaria com alguns para tentar desvendar a morte de Iana.

O mais interessante é que todos os pacientes de Dany passaram a ajudar a desvendar os mistérios e as sessões de terapia pareciam verdadeiros debates.

Após as sessões, cada um ainda ficava incumbido de investigar algo ou buscar alguma informação que ajudasse o Dr. Milk a montar o quebra-cabeça daqueles pedaços de histórias ou de páginas que cada um havia recebido, sem numeração e muitas vezes sem seqüência.

Mas foi em uma destas sessões de terapia que Mary Farda, junto com o juiz aposentado – Dr. Milk – que perceberam que as páginas desta história de Iana poderiam ter uma sequencia mais fácil de ser desvendada.

Observaram que no fim de cada página, Iana relacionava um evento com alguma música, iniciando a página seguinte com alguma estrofe daquela canção anteriormente mencionada, como se isto demarcasse a continuidade do que queria dizer. Só precisariam conhecer as tais músicas.

Só para situar o leitor, Mary Farda era uma moça bela, mas mal cuidada e perturbada. Seu sonho de consumo era ser policial e embora estudasse e dedicasse horas a fio para isto, não conseguia passar no concurso, o que lhe causou muita frustração. Porém, se vestia de forma semelhante a um policial, daí o apelido Mary Farda.

O problema era conhecer todas aquelas músicas indicadas por Iana, já que algumas pareciam ser bem antigas, e outras com linguagem diferente.

Embora as sessões de terapia mais parecessem reunião da polícia inteligente para desvendar um crime, Dany não deixava de manter, pelo menos uma vez ao mês, a aula de capoeira.

E foi em uma destas aulas de capoeira que Deby, uma jovem e feia moça que tentava, a todo o custo, tornar-se cantora, desvendou algumas sequências das páginas do manual de Iana, já que as canções ela não só conhecia como treinava diariamente em seu violino. O mais surpreendente foi ela reconhecer nas aulas de capoeira muitas das letras apontadas naquele misterioso manual de Iana.

No início, o conteúdo do manuscrito de Iana não fazia muito sentido, mas na medida em que foram sequenciando as páginas, muitas histórias passaram a ser desvendadas.

Entre elas, a da sala de cinema pornô onde eram realizadas as sessões de terapia em grupo. Políticos, autoridades, belas moças e lindos rapazes, em uma suruba sem precedentes, sob a luz de velas e candelabros importados de um país distante.

Belas putas eram contratadas como informantes de autoridades. Algumas até mesmo casadas frequentavam o cinema pornô enquanto seus maridos trabalhavam como operários de fábrica.

No andar de cima do cinema pornô, muitos quartos temáticos eram administrados por uma jovem bela e seu grupo de capangas.

Cada quarto com uma decoração diversa. Alguns escuros, outros mais claros. Tapetes persas em alguns, outros simulando o velho oeste ou até mesmo um porão com algemas presas na parede e no chão.

Almofadas de várias cores, camas redondas, quadradas, de água, sem água. Enfim, infinitudes de decoração que sequer possa ser esgotada pela mente de um arquiteto, para todo gosto do freguês, do conservador ao depravado. Fosse quem fosse, desde com muito dinheiro, pois ali somente era frequentado pela alta sociedade.

Conspiração, corrupção, tráfico de influência e muitos assassinatos. Iana presenciara muitas histórias sórdidas e em muitas, participara ativamente das informações que eram colhidas.

Preso naquela situação, cansada de tudo, Iana, por diversas vezes, tentou mudar de vida, pois além de bela, era muito culta e falava em diversos idiomas. Mesmo a sua gravidez, cuja menina foi dada para adoção, poderia ser a mudança da solução de sua vida, já que o pai da criança era uma autoridade. Mas diferente disso, ele a encorajou a abortar e ela decidiu então disfarçar a gravidez até dar à luz.

Como o pai da criança era muito poderoso, ela decidiu doar sua filha e continuar na mesma profissão, já que ganhava muito bem, viajava, conhecia o mundo todo. Comia do bom e do melhor. Bebia vinhos caros. O melhor que o dinheiro poderia oferecer.

Conhecia segredos inconfessáveis destas autoridades, mas jamais conseguiu chantageá-las para realizar desejos próprios. E nem precisava. Já que era desejada por muitos e até durante sua gravidez, foi disputada por homens depravados que gostava de chupetas e coito anal. Não importava com sua barriga saliente que gerava uma criança.

Porém, Iana, neste manual que decidiu escrever, resolveu contar tudo como forma de se vingar de todos, pois nesta “altura do campeonato”, ou seja, com aquela idade e naquela situação, já não mais tinha o que perder.

Ainda deixou consignado no livro, que cópias daquele trabalho, naquele momento, estavam sendo distribuídas para jornalistas e para as próprias autoridades, se vivos estivessem, sua família e seus pares, já que não tinha interesse mais em guardar tanto segredo insólito.

O mundo destes figurões certamente seria manchete de jornais por muito tempo e investigações internacionais seriam feitas, ainda que os culpados pudessem estar velhos ou mortos, mas certamente muitas outras coisas se descobriria a partir daí.

A leitura de algumas páginas soltas deste manual ratificava a ideia de que Iana havia sido efetivamente assassinada. O problema seria descobrir quem foi o assassino ou seu mandante, pois não havia no apartamento de Iana nenhum indício de arrombamento na porta, exceto a casa revirada, o que presumia que ela havia aberto a porta para alguém que conhecia bem.

Poderia ser até mesmo o cafetão. Aliás, a então bela jovem que administrava o cinema pornô, se viva ainda estivesse.

Mas foi uma das sessões de terapia no início da aula de capoeira, que Renan, o paranormal e paciente de Dany, deu início as manifestações espirituais, cujas consequências serão mencionadas em capítulo próprio.

## **PARTE X – ALGUNS PROCEDIMENTOS** **UTILIZADOS NA INVESTIGAÇÃO**

Edy, o professor de capoeira, naquela tarde fria e chuvosa de julho, decidiu convidar alguns amigos para jogar capoeira com os pacientes de Dany, pois desde a morte de Iana, não se fazia outra coisa, senão tentar desvendar o seu mistério.

Todos acharam uma ótima idéia, pois Deby ainda não havia conseguido montar junto com o juiz apontado Dr. Milk, todas as folhas do manual de Iana e isto era crucial para desvendar os fatos, conforme afirmou Yanki, o velho xerife e Jean, o detetive.

Foi então que nos primeiros toques do berimbau e do atabaque, que Renan – o paranormal se transfigurou.

Em que pese a sua idade e das poucas aulas de capoeira que tivera, seu corpo apresentava uma manifestação de vontade, como se fosse um escravo que passara a vida entre os açoites, o terreiro e o jogo de capoeira.

Fitou de forma incisiva o detetive Jean, pedindo para que ele voltasse na residência de Iana e buscasse, entre os tacos do chão de madeira, uma chave com um endereço de um depósito que, certamente, muitas questões seriam resolvidas.

Em seguida, Renan – o paranormal – desmaiou, desfazendo-se a roda de capoeira e levando os demais pacientes de Deby a socorrerem o companheiro.

Saindo do recinto sem ser visto, Yanki, o xerife, ligou para seus amigos que ainda estavam investigando o caso e pediu autorização para entrar novamente na residência de Iana, o que lhe foi concedido com a condição que liberasse o imóvel para ser devolvido para o proprietário, evitando assim ação judicial de despejo.

Também os seus amigos da Delegacia autorizaram Yanki, o xerife, ainda que retirasse todas as coisas de Iana, deixando o imóvel livre de coisas, já que ela não tinha ninguém, nenhum herdeiro, para que ficasse com a guarda de seus bens.

A tal filha indicada no manual não tinha nome e nem mesmo a informação para quem havia sido entregue para adoção e certamente não foi uma adoção legal, via processo judicial.

Portanto, sem herdeiros, necessário que os bens móveis fossem liberados do local, sem formalidades, sem qualquer tipo de burocracia policial. Apenas que sumissem do imóvel para que fosse entregue para o verdadeiro dono.

E foi isto que os amigos de Iana fizeram.

## **PARTE XI – CONDIÇÕES PARA CONTINUAR A INVESTIGAÇÃO**

A condição para Yanki, o xerife, retirar as coisas de Iana, foi para que ele providenciasse o enterro de seu corpo, já que não havia a localização da família, Isto evitaria que ela fosse enterrada como indigente.

Mal sabia a delegacia – e obviamente Yanki, o xerife não iria dar estas informações – que ele e sua equipe – de terapia, diga-se de passagem – estava com um Manual de indicações criminosas.

O juiz aposentado Dr. Milk autorizou que levassem as coisas de Iana para sua casa, o que facilitaria a busca por informações.

Independentemente disso, todos os pacientes de Dany juntaram dinheiro para enterrar Iana, com direito a Mary Farda batendo continência para o caixão e Deby, tocando o violino.

Ouviu-se também o berimbau com toque de Iana, anunciando a morte de uma capoeirista. Embora Iana somente tivesse sido apresentada à capoeira aos 70 anos de idade, nas sessões de Dany, seu amor ao esporte foi manifestado nas folhas enviadas aos seus amigos da terapia.

## **PARTE XII – OBJETOS DA MORTA**

De posse com as coisas de Iana e a tal chave, de fato, localizada segundo informações de Renan naquele fatídico dia, não havia indicação de endereço de depósito nenhum.

Depois do enterro de Iana e de calorosas discussões, decidiram fazer uma sessão especial ao som do berimbau e do atabaque para que Renan novamente buscasse informações espirituais para conseguir o tal endereço do depósito.

### **PARTE XIII – E A INVESTIGAÇÃO CONTINUA**

Muitos escravos ali se manifestaram, com informações truncadas, assuntos diversos, indicações de cemitérios clandestinos, corpos escondidos nas matas ligados às rodovias principais, desrespeito aos mortos, esquecimento aos antepassados. Foram sessões pesadíssimas.

Em uma destas sessões, o detetive Jean, que nunca perdeu a delicadeza de fazer interrogatório, decidiu tomar posição e tratou o tal espírito ali presente como um averiguado. Sentou-se em uma cadeira na frente de Renan, olhou para seus olhos e deu início a infindáveis perguntas, como se estivesse em uma delegacia.

Edy, o professor de capoeira, com seus conhecimentos sobre teologia, largou o berimbau e começou a batucar o atabaque e iniciou uma canção que fez com que todos os presentes se assustassem, até o juiz aposentado Milk, um cético na questão espiritual.

Renan se levantou, olhou para todos, acompanhou a canção tocada por Edy, e caiu no choro. Passados alguns minutos de choro intenso, confessou para o xerife Yanki onde ficava o depósito, mas afirmou que deveriam estar preparados para entender o que iriam ver, e mais, necessitariam estar desprovidos de preconceitos.

Escolheu quem deveria acompanhar o xerife Yank, indicando o detetive Jean e principalmente o juiz aposentado Dr. Milk.

## **PARTE XIV – O DEPÓSITO**

No dia seguinte, a luz do dia, todos os indicados, sem conseguir pregar o olho durante a noite em decorrência de tudo que aconteceu, chegaram ao tal depósito.

Era um galpão imenso, com depósitos maiores que o apartamento de Iana e de posse da chave, se dirigiram ao local indicado por Renan – o paranormal.

O funcionário do depósito disse que se eles estivessem com a chave e mais o número do segredo da segunda porta, eles poderiam entrar, sem problemas, e levar o que quisessem.

Os três se entreolharam e testaram a chave que, de fato, funcionou. Só que não sabiam o tal segredo.

Chamaram novamente o funcionário e perguntaram qual seria o tipo de segredo, ou seja, números, letras, frases. Mas é claro que o rapaz estava pálido o suficiente para afirmar que bastava uma frase somente com letras, pois Yanki, o xerife, mostrou-lhe suas credenciais e sua arma, que ainda guardava mesmo sendo aposentado.

Porém, a frase secreta, o tal funcionário não sabia e todos retornaram para a residência do Dr. Milk – juiz aposentado – frustrados.

A idéia era vasculhar os objetos de Iana que estavam com o Dr. Milk e achar alguma pista. Não descartavam, ainda, a possibilidade de novamente fazer uso de Renan, o tal paranormal.

## **PARTE XV – A PLANTA QUE MATOU A PUTA**

Enquanto isto, Yanki, o xerife, é informado pelo seu amigo do IML, que o resultado da necropsia de Iana era o envenenamento por uma planta, manipulado somente por pajés ou alguma outra autoridade espiritual, que em dose excessiva, causara a sua morte.

Lembrou, então, que no manual de Iana, havia a descrição de trinta pessoas que teriam fácil acesso a tal planta e que poderiam estar interessados em sua morte, tal o conteúdo que seria revelado naqueles escritos.

Procurou sua antiga equipe e que estava cuidando do caso Iana e depois de falar com o xerife titular, constatou que o caso de Iana havia sido deixado de escanteio, já que apareceram outras mortes de empresários, que certamente dariam mídia à delegacia e conseqüentemente liberação de recursos pelo governador para melhoria nos equipamentos, armas e condições melhores de trabalho.

Rapidamente, para contar ao leitor, as mortes de tais famosos empresários se deram na mesma semana, sendo um morto por esquarteramento e o outro por um golpe na nuca. Ambos sem indicação de suspeito.

Tanto um caso como em outro, o sangue servira para oferta a magia negra e muito provavelmente pelas mesmas autoridades espirituais que manipulavam a planta que foi encontrada no organismo de Iana e que eram citadas no seu manual.

Como as mortes pareciam estar todas ligadas, embora o xerife titular estivesse querendo dar como inconclusivo o inquérito sobre a morte de Iana e remeter para o arquivo morto, Yanki, o xerife aposentado,

reuniu todos os pacientes de Dany para montar, como nos velhos tempos, uma equipe investigativa.

Mesmo sabendo da ausência da experiência dos pacientes, não seria a primeira vez que Yanki, o xerife aposentado, administraria novatos.

Se realmente descobrisse quem matou Iana e conseqüentemente quem estaria por trás da morte dos tais empresários, quem sabe, o governador revogaria sua aposentadoria e ele pudesse voltar à ativa. Seu sonho.

## **PARTE XVI – MAIS UMA ETAPA DA INVESTIGAÇÃO**

Os dez pacientes restantes, incluindo a terapeuta Dany e sua assistente mirim, se encontraram na residência do Dr. Milk – o juiz aposentado – objetivando fazer a divisão de trabalho, até porque haviam algumas caixas retiradas do apartamento de Iana, lotados de objetos para analisar e catalogar.

Depois de horas de conversas, a estratégia capitaneada pelo xerife aposentado Yanki, ficou o seguinte:

O detetive Jean, junto com Mary Farda e o novato Elias, o tal criminalista do passado – como ele se apresentava – iriam atrás de pistas, na medida em que o manual de Iana era montado e desvendado.

O objetivo desta equipe era conferir a veracidade do conteúdo do manual e checar as pessoas que ali estavam indicadas e se ainda estavam vivas e, neste caso, onde estavam no dia da morte de Iana.

Para terminar a montagem do manual que seria feita na residência do Dr. Milk, ficaria Deby, a cantora, pois precisava descobrir a seqüência das músicas, já que o manual não tinha numeração e o Nipo, o paciente que em vidas passadas havia participado da apuração do “Crime do Castelo”, pois como mordomo naquela situação, possuía uma experiência de “não deixar nada passar”, como se enchia de orgulho em dizer.

Também permaneceu na residência do Dr. Milk – o juiz aposentado – o paciente Joseph. Ele era faxineiro com mania de limpeza. Um algo grau de TOC que não podia ver nada fora do lugar.

Seria usado na função de limpar, organizar e catalogar o conteúdo das caixas que foram localizadas na residência de Iana. Fora o que acreditavam ainda ter no depósito, cuja frase secreta ainda não havia sido decifrada.

Já o xerife Yanki iria continuar com suas buscas através do interrogatório de Renan, o paranormal e iria utilizar da ajuda da paciente de Dany, o Lui, um químico metido a professor pardal, que adorava fazer experiências.

Seu objetivo era um dia trabalhar no IML. Enquanto isto não acontecia, gostava de trabalhar na funerária, ajudando a banhar e vestir os corpos antes do velório. Era o momento que poderia estudá-los, ainda que rapidamente.

Por fim, a própria psicóloga Dany, com ajuda da sua assistente mirim, fariam os relatórios da apuração de todos, como forma de facilitar na racionalização dos fatos e ter acesso ao que cada grupo iria descobrindo.

As sessões de terapia no tal local disponibilizado pela prefeitura – que nada mais era do que um cinema pornô no passado não muito distante, segundo informações da morta Iana – eram verdadeiros debates e discussões sobre novas descobertas do caso.

Foi então que Dany – a psicóloga – se deu conta que embora as manias (leia-se TOC) de alguns de seus pacientes permanecessem, a depressão estava bem mais suave, quase inexistente. O que a deixou bem feliz.

Cada grupo com sua função, mas todos com um objetivo comum de buscar um culpado para a morte de Iana.

Os grupos formados, ou melhor, as equipes de investigadores formadas, como gostava de chamá-los Yanki, o xerife, trocavam experiências nos dias das sessões de terapia e foi em uma destas sessões que o tal Elias, o criminalista do passado, revelou que conversava e também via morto, o que poderia ajudar Renan – o paranormal – nas conversas com o além, objetivando descobrir a tal frase secreta que abriria o depósito onde estavam guardados os objetos de Iana, com o objetivo único de desvendar o crime.

Com estas informações, decidiram fazer outro interrogatório a Renan – o paranormal – e aproveitar também o tal Elias, o criminalista do passado – e pediriam para Dany marcar um dia com o tal professor de capoeira – o Edy – que também tinha conhecimento de teologia, para que ao som do atabaque e do berimbau, fosse então iniciado o interrogatório de ambos.

## **PARTE XVII – O RITUAL PARA APURAÇÃO DE NOVOS FATOS**

Marcado o dia e todos preparados, no centro da roda formada por capoeiristas e ao som do berimbau e do atabaque, lá estavam Renan – o paranormal -, o Elias – o criminalista do passado –, sentados em cadeiras confortáveis, mas um de costa para outro, esperando que algo acontecesse.

Debruçados em cima deles na tentativa de receber alguma confissão, estava Jean, o detetive e Yanki, o xerife, que ora se revezavam na tentativa de pressionar ambos, como faziam na delegacia com os suspeitos de crime.

Durante o ritual, diversas manifestações ocorreram, mas nenhuma pontual. Até Mary Farda, que estava ali no cântico da roda, sem muita explicação, deu início a canção “marcha soldado, cabeça de papel, quem não marchar direito, vai ser preso no quartel...”.

No momento em que ela iria dizer que o quartel iria pegar fogo, Lui, o químico, em mais um ato de insanidade, pegou o extintor de incêndio para usar, quando Elias, o criminalista do passado, se levanta e grita “silêncio no tribunal”.

Todos silenciaram exceto o berimbau que ao som de “são bento pequeno” deu início a um malicioso gingado típico rasteiro, fazendo com que Joseph, o faxineiro, percebesse o quanto àquele chão do tal cinema pornô – local onde as terapias estavam sendo realizadas, precisava de uma boa limpeza e uma cera de boa qualidade.

Após algumas horas de tentativa de confissão, onde Renan e Elias foram interrogados, nenhuma pista concreta foi concedida, apenas informações truncadas ou afirmações de ocorrências de crimes do passado

sem solução, mas que, naquele momento e para àquela finalidade, de nada serviam.

Encerrando o objetivo daquele dia, às equipes já formadas retomariam no dia seguinte, para seus trabalhos aos quais foram designados.

### **PARTE XVIII – A FRASE SECRETA PARA ABERTURA DO DEPÓSITO**

Os dias foram passando, buscas infundáveis na tentativa de saber sobre o culpado da morte de Iana e a tal frase secreta que abriria o seu depósito, sem êxito.

Até que um dia, com a equipe que estava na residência do Dr. Milk, revisando as caixas encontradas no apartamento de Iana, Joseph, o faxineiro, com mania de limpeza e de detalhes, percebeu a constância da palavra “amor” nos objetos de Iana e então avisou Yanki, o xerife.

No mesmo dia, o xerife Yanki e Jean, o detetive, foram até o galpão e tentaram tal palavra e, de fato, conseguiram abrir o tal depósito que continha as coisas de Iana.

A palavra “amor” era a frase secreta que abria o depósito de Iana. Palavra esta que deixamos de praticar no nosso dia a dia, juntamente com a frase “viver o agora”.

Devaneios a parte.....

## **PARTE XIX – O CONTEÚDO DO DEPÓSITO DE UMA PUTA**

Ambos se assustaram com o que viram. Tratava-se de obras de arte, jóias, abajures antigos, e fotos, muitas fotos que comprometiam um monte de pessoas importantes.

O depósito era bem maior que o minúsculo loft que Iana vivia e tinha muito, mas muito material e objetos ali guardados.

Marcaram com o Dr. Milk – o juiz aposentado – e o Elias, o criminalista do passado – a verificação do local e decidiram, com a ajuda de todos, irem catalogando os objetos e retirando tudo de lá, até porque ficaram sabendo que o aluguel do tal depósito estava se encerrando em menos de cinco dias e tudo seria leiloadado, caso não retirado do local.

Tanto esforço para tentar descobrir a frase secreta e o depósito prestes a ser aberto por encerramento da locação, sem o menor sacrifício, pensou Nipo – o mordomo do “Crime do Castelo”.

Além do mais, já havia se passado mais de seis meses da morte de Iana. Pena que ninguém perguntou sobre o tal contrato de locação do galpão antes de tanto estresse, pensou Dany, a psicóloga.

Mas ela também constatou que nestes seis meses em que se buscava um culpado pela morte de Iana e a tal palavra secreta para abrir o depósito, ou até mesmo a investigação feita - um tanto diferente, é verdade – para se buscar a localização do galpão, fez com que todos os pacientes, sem exceção, saíssem da depressão e afastasse o pensamento da tentativa de suicídio.

Todos trabalhando em equipe, de forma organizada. Se sentindo úteis. Cada um com seu propósito.

Em meio às esculturas e aos quadros raros que estavam no tal galpão locado por Iana, a vista de todos, havia um quadro negro – daquele de escola mesmo – escrito por Iana, com os seguintes dizeres:

*“Companheiros de terapia. Que bom que encontram tudo isto. Estão autorizados a vender tudo e utilizar parte do dinheiro para financiar a publicação de meus escritos. O texto, na íntegra, está engavetado na escrivaninha do século XV, ao lado esquerdo deste espaço. Divulguem minhas obras. Dêem de presente as pessoas do mundo. O restante do dinheiro utilize para proveito próprio. Viajem o mundo. É o único investimento que vale a pena”.*

Que mensagem sinistra, pensou Nipo – o mordomo. Parece que Iana já previa sua própria morte. Falou alto para todos ouvissem. E isto intrigou Yanki, o xerife, e espantou Jean, o detetive.

Parecia uma morte anunciada, ressaltou Renan – o paranormal -, com a concordância de Elias, o criminalista do passado.

No entanto, a morte de Iana continuava sendo um mistério.

## **PARTE XX – NOVA DIVISÃO DE EQUIPE PARA APURAÇÃO DA MORTE DE UMA PUTA**

A equipe do Dr. Milk – o juiz aposentado – composta de Deby – a cantora -, Nipo – o mordomo e Joseph - o faxineiro, foi subdividida para que, embora continuassem a catalogar os objetos de Iana encontrados e já transferidos para a residência do Dr. Milk, alguns deles passassem a buscar uma editora para publicação da obra.

Depois de diversas buscas entenderam o motivo de Iana deixar consignada a venda dos seus bens para publicar suas obras, já que nenhuma editora estava interessada em patrocinar seus escritos. Teria que ser toda obra sob encomenda.

Para que os objetos fossem vendidos a preços justos, Yanki – o xerife – decidiu reformular novamente a equipe, já que a busca pelo culpado da morte de Iana também pudesse ser averiguado, independentemente da realização do desejo dela da publicação dos livros.

E assim foi feito. O Dr. Milk, coordenando os trabalhos na sua residência de catalogar os objetos para vender, além de escolher àquele que ofertava o melhor preço. Também seria de sua responsabilidade e de sua equipe indicar algumas editoras para fazer a publicação.

A venda dos objetos e a escolha das editoras seriam votadas por todos, sendo que a maioria simples, ou seja, no dia da votação, só contariam os votos daqueles que estivessem presentes, independentemente da quantidade que compunha a equipe e os ausentes não prejudicariam a escolha.

Embora ninguém faltasse desde que o trabalho foi distribuído e a doença ou dor na alma já não mais se fazia presente.

Por conta da atribuição da equipe do Dr. Milk – o juiz aposentado, o Renan – o paranormal – e Lui, o químico, passariam a integrá-la para ajudar nos novos trabalhos.

Assim, ficariam somente Jean – o detetive -, Mary Farda, Elias – o criminalista do passado – e Yanki, o xerife, para desvendar o mistério da morte de Iana, capitaneada por este último, em razão de sua posição autoritária.

Os meses foram passando e o trabalho de ambas as equipes eram quase diário, ressaltando os finais de semana, que mesmo assim, eram utilizados para encontro de todos para passeios escolhidos por Edy, o tal professor de capoeira, que os levavam para participar de jogos de capoeira com mestres experientes, praticar meditação em locais diferentes, conhecer terreiros de candomblé, museus, templos e praças que foram alvo de batalhas seculares.

### **PARTE XXI – A PUBLICAÇÃO LITETÁRIA DO DIÁRIO DE UMA PUTA**

Depois de muito trabalho, a primeira publicação de Iana se realizou. Como era obra pós morte, com autorização para publicação anotada em um grande quadro de louça negro, achado no tal depósito, o Dr. Milk teve o cuidado de deixar consignado no livro todos os direitos autorais, inclusive da coordenação dos trabalhos.

Pedi também a um amigo que era Tabelião do cartório de notas, que fizesse uma declaração pública, com todos como testemunhas, do teor do que escrito no quadro, assinado inclusive por ele.

Fotos do quadro também foram tiradas, embora o próprio quadro ficasse exposto na sala de jantar da residência do magistrado aposentado – Dr. Milk, que agora servia de base não só das reuniões dos pacientes de Dany, mas também do trabalho de sua equipe.

É que o local que servia de sessão de terapia – o tal cinema pornô – foi interditado pela própria Prefeitura, depois de acharem restos mortais de algumas pessoas enterradas embaixo do lugar, por denúncia anônima, após um dos interrogatórios feitos por Renan – o paranormal – e de Elias, o criminalista do passado.

Outros meses foram passando e os pacientes de Dany iam se surpreendendo com os objetos achados nas caixas encontradas no depósito locado por Iana e que agora faziam parte da decoração da residência do Dr. Milk – o juiz aposentado.

As publicações de seus trabalhos eram feitas a cada quatro meses, com sucesso absoluto, inclusive sendo citadas em várias revistas especializadas em conspiração, investigação e literatura.

Todos ficaram orgulhosos, pois seus nomes eram citados não só como organizadores, mas também contando a história da equipe, ou seja, atuais dez pacientes de Dany, comprometidos na realização de um sonho de uma amiga e empenhados em apurar sua morte.

Nesta altura do campeonato, para a Delegacia de Polícia, o caso de Iana já estava encerrado e arquivado como inconclusivo.

## **PARTE XXII – A BUSCA INFINDÁVEL PELO CULPADO**

Porém, Yanki – o xerife, e Jean – o detetive, inconformados ainda iriam tentar localizar o culpado pela morte da puta. Desculpe, pela morte de Iana, a velha prostituta.

No entanto, como Yanki e Jean não mais tinham poder de polícia para fazer interrogatórios, usavam sua simpatia para se aproximar dos suspeitos – que era qualquer pessoa que tinha sido citado por Iana, seja no seu Diário ou nas suas histórias, que estavam sendo publicadas.

Decidiram também fazer uso da Mary Farda.

De acordo com a teoria de Jean – o detetive, não havia no mundo mulher feia e sim mal cuidada. Então, levaram Mary Farda em uma amiga citada por Iana em uma das suas histórias, para cuidar da aparência de Mary.

Passadas algumas boas horas, Mary já bem cuidada, mais parecida com Marilyn Monroe do que Mary Farda. Sua beleza se acentuou e sua autoconfiança também.

Coincidentemente, naquela semana, Mary Farda iria, pela centésima vez, prestar concurso para polícia. Com sua autoestima elevada, passou na primeira fase.

E aproveitando o momento, Jean – o detetive, e Yanki – o xerife - fizeram uso de Mary Farda para, utilizando seu charme, se aproximar dos suspeitos e disfarçadamente interrogá-los.

E assim aconteceu de forma simultânea por semanas. Ora Mary Farda ia interrogandos suspeitos, ora ia passando nas fases no concurso da polícia. Tudo ia muito bem.

Enquanto isto, novas publicações de Iana iam acontecendo e a equipe toda de pacientes de Dany acabava conhecendo pessoas bacanas.

Houve até quem sugerisse que eles deveriam montar uma empresa de investigações particulares, dada a competência da equipe.

E Mary Farda, mesmo após passar no concurso da policia – seu sonho de consumo – adorou a ideia e incentivou todos a fazer este trabalho, até porque, no seu caso, não haveria incompatibilidade em ser policial e ter uma empresa de investigação. Uma completaria a outra.

### **PARTE XIII – A EMPRESA PARTICULAR DE INVESTIGAÇÃO**

E foi isto que os pacientes de Dany fizeram. Abriram a tal empresa, cujo primeiro caso seria a busca para descobrir o suspeito da morte da própria Iana.

Paralelamente, diversos outros casos foram aparecendo, envolvendo o grupo todo e muitas vezes se utilizando de Edy – o tal professor de capoeira, para tocar o atabaque ou o berimbau.

Búzios muitas vezes eram jogados, pois se descobriu que Deby – a cantora, tinha dom para sua leitura.

Dany, a psicóloga, constatou que o trabalho edifica o homem, e desde o “caso Iana”, nenhum de seus pacientes teve mais depressão, TOC ou vontade de suicídio. Mas isto porque se identificaram com o trabalho, e não há dinheiro no mundo que pague esta correspondência e qualidade de vida ligada à vontade de viver e fazer o que realmente se gosta.

Com diversos casos sendo solucionados pela empresa de investigação, menos o da Iana, Joseph – o faxineiro se sentia bem incomodado, pois acreditava que a solução estava bem à frente de seus olhos, dentro de uma daquelas poucas caixas de Iana que restavam ser catalogadas.

E foi assim, em uma das reuniões da equipe na residência do Dr. Milk, com todos os presentes para repassar os casos em andamento da investigação, que Joseph, o faxineiro, arrumando uma das ultimas caixas que se encontravam no tal depósito alugado por Iana, que foi encontrada,

em uma pequena caixa, a frase “a resposta da vida pode estar em pequenos detalhes”.

#### **PARTE XXIV – A ERVA e a PEQUENA CAIXA**

Havia uma caixa com restos da erva que foi encontrada nas vísceras de Iana, com um exame médico que se constatava o grau máximo de câncer que gerava muita dor. Foi em uma destas crises de dor que Iana teve um ataque de fúria, quebrando tudo no seu apartamento e decidindo por fim naquela agonia, tomando uma dose cavalara daquela erva.

Embora tivesse dado adeus à sua própria vida, Iana salvou a de seus dez amigos de terapia, que na busca de um culpado para sua morte, encontraram uma nova razão de manter acesa a chama da vida.

Foi o sacrifício de um, em detrimento dos demais.

#### **PARTE XXV – CASO SOLUCIONADO**

Solucionado o caso Iana, o grupo resolveu fazer uma homenagem póstuma a ela e ao som dos atabaques e do berimbau, batizando a empresa de investigação com o nome IANA – agência de inteligência e investigação particular.

Suas histórias continuavam a ser publicadas e viraram série de investigação, com o nome “A morte literária de uma puta” e fazendo sucesso, trazendo a imortalidade de sua alma, tal como Monteiro Lobato, Machado de Assis, Jorge Amado, e outros tantos imortais.

A vida e morte de Iana fizeram a diferença na vida de seus dez amigos de terapia. Já valeu a sua existência no planeta.

E é assim que caminha a humanidade!!!!

Namastê!!!